



Giral: uma proposta de desenvolvimento local¹

Juliana Couto F. A. LIRA²

Maria das Graças Andrade Ataíde de ALMEIDA³

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Os jovens de quatro municípios rurais que compõem a Região da Bacia do Goitá, na Zona da Mata Pernambucana, participaram do Projeto de Formação de Agentes de Desenvolvimento da Comunicação (ADC). Esse projeto busca promover o protagonismo dos jovens através de oficinas de rádio, de impressos, de vídeo e de fotografia. O objetivo de nossa pesquisa é analisar os impactos socioculturais do Projeto sobre o cotidiano dos jovens no território da Bacia do Goitá. O projeto prioriza a participação da juventude da zona rural de cada município, pois acredita que garantir o acesso a informação é condição para cidadania. Diante do princípio do projeto em reificar o protagonismo juvenil, através da comunicação, decidimos investigar que caminhos essa juventude tem percorrido para conquistar mudanças na sua região.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; comunicação; culturas populares; desenvolvimento local.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa⁴ maior, cujo objetivo é analisar os impactos socioculturais do Programa de Formação de Agentes de Comunicação sobre o cotidiano dos jovens da região da Bacia do Goitá, nos anos de 2008 e 2009. A Região da Bacia do Goitá é composta por quatro municípios, banhados pelo rio Goitá, são eles: Glória do Goitá, Lagoa de Itaenga, Feira Nova e Pombos, todos na Zona da Mata em Pernambuco.

Neste artigo, pretendemos refletir sobre o protagonismo juvenil, como vetor de desenvolvimento local, nas ações do Projeto de Formação de Agentes de Comunicação (ADC), oferecido pela instituição não governamental Giral, que atua no Território da Bacia do Goitá.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Posmex-UFRPE, email:juliana.fazio@uol.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Posmex-UFRPE, email:ataíde@hotmail.com.br.

⁴ A pesquisa está sendo desenvolvida junto ao programa de Pós-Graduação em Extensão Rural E Desenvolvimento Local (UFRPE), sob orientação da professora Dra. Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida.



O Giral (Grupo de informática, comunicação e ação local) é uma instituição sem fins lucrativos que surgiu da união de alguns jovens que participaram de outros projetos oferecidos por outra instituição (Serta) na região. Inicialmente, esses jovens se preocupavam com a questão da inclusão digital, a partir disso se mobilizaram e articularam parcerias com sua instituição de origem (Serta), com o Centro de Democratização da Informática (CID), com as Escolas de Informática e Cidadania (EIC) e com as Casas da Juventude. O surgimento do Programa de Desenvolvimento de Agentes da Comunicação (ADC) está bem explicado no relato de experiência a seguir:

Em 2007 a Fundação Kellog traz à Bacia do Goitá o Conjunto Integrado de Projetos (CIP), iniciativa que, em parceria com ONGs locais e prefeituras municipais, realiza projetos de inclusão digital na região. Nesse contexto nasce o Projeto Comunicação e Inclusão Digital, que se propõe a atuar junto a adolescentes e jovens, priorizando fortalecer a juventude para que atue como protagonista do direito humano à comunicação na Região da Bacia do Goitá.

A proposta visa qualificar jovens para formação de uma rede de comunicadores que possa mobilizar diretamente a população para enfrentamento às desigualdades sociais, mobilização social, atuação nas políticas públicas, articulação de parcerias e estratégias de desenvolvimento local. A formação da rede vai possibilitar a realização de campanhas para educação e sensibilização da comunidade sobre seus direitos e valorização da cultura local, utilizando os diversos veículos de comunicação comunitária e comerciais parceiros. Além da formação de agentes de desenvolvimento da comunicação (ADCs) o projeto apóia ações de rádio comunitárias e estruturas núcleos de comunicação nos quatro municípios da Bacia do Goitá, nos quais os jovens se reúnem para vídeos debates, exibição de vídeos na comunidade, entre outras ações.⁵

Ainda de acordo com esse relato o objetivo do projeto de formação de ADC é “[...] fortalecer a capacidade criativa, inquietações, conhecimentos e aprendizagens promovendo transformações sociais a partir das tecnologias da informação e comunicação”(idem). Para isso, os jovens desenvolviam as atividades em ciclos de aprendizagem de cidadania e oficinas técnicas em impresso, rádio, fotografia e audiovisual. Participavam das aulas semanalmente nos municípios, nos quais atuavam nas rádios comunitárias, mobilizavam a comunidade através de pesquisa, campanhas e debates, além disso, elaboravam vídeos e jornais comunitários. A cada encontro

⁵ REIS, Mariana. Relato de experiência apresentado na Segunda Conferência de Mídia Cidadã. Recife. 2008.



semanal (2 por semana) eles compartilhavam suas experiências, trocavam idéias e de volta aos municípios multiplicavam seus novos saberes.

Diante do exposto, vemos a necessidade de refletirmos sobre essas ações como práticas que estimulam o protagonismo juvenil capaz de transformar a realidade local, através de ações que possibilitem o desenvolvimento local. A metodologia utilizada se volta para pesquisa qualitativa (MINAYO, 1996)), a partir da qual analisamos a proposta do projeto de formação de ADCs, fizemos observação *in loco*, conversamos com os jovens formandos, com os educadores e com os representantes da instituição (Giral) e estamos, atualmente, realizando entrevistas semiestruturadas com os jovens egressos. Para o propósito deste artigo, elegemos como categorias de análise: juventude, comunicação, culturas populares e Desenvolvimento Local.

A idéia de “jovem formar jovem”, faz parte da proposta do Giral, e se concretizou com o Projeto de formação de ADC, pois os educadores que conduziam as oficinas tinham todos menos de 24 anos. Para a UNESCO, assim como para o IBGE, ser jovem significa estar na faixa etária entre 15 e 24 anos, o que estabelece um “limite mínimo de entrada no mundo do trabalho e limite máximo de término da escolarização formal básica” (TRINDADE DOS SANTOS, 2007). Apesar de tomarmos essa referência etária para nosso estudo, não deixamos de considerar a juventude como :

Culturalmente determinada, a demarcação desta etapa da vida é sempre imprecisa, sendo referida ao fim dos estudos, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda simplesmente a uma faixa etária”(WANDERLEY,2007,p.22)

Assim, entendemos juventude⁶ como um período de transição para fase adulta, seja o jovem do meio rural ou urbano. Não pretendemos discutir as questões do que é rural e o que é urbano, mas antes esclarecer que os jovens, sobre os quais fazemos a pesquisa vivem num contexto de “culturas populares”. Para isso, precisamos esclarecer o que entendemos por culturas populares dentro da panacéia que este conceito se encontra.

A tendência romântica, que influenciou os folcloristas, concebe o “povo como uma totalidade homogênea e autônoma, cuja criatividade espontânea seria a mais alta expressão dos valores humanos e o modelo de vida ao qual deveríamos regressar” (Canclini, 1983,p.44). Dentro dessa perspectiva, a cultura popular era autêntica, pura e

⁶ No nosso universo pesquisado os jovens tinham entre 15 e 19 anos.



isolada, essa teoria faz um recorte estreito do objeto de estudo, pois considera cultura popular apenas os produtos produzidos pelo povo e afirma que esses são resultados de uma “absorção degradada da cultura dominante”(idem). Essa teoria desconsidera o caráter conflitivo dos processos populares nas sociedades capitalistas. Diante dessa insuficiência teórica em definir cultura popular na atualidade, Canclini (1983) considera a explicação marxista, a respeito do funcionamento do capitalismo e as abordagens empíricas, aliadas a metodologia sócio-antropológica como o aporte teórico mais fértil para o estudo das culturas populares. A partir do pensamento de Gramsci de que o popular não é popular pela sua origem, mas sim por seu uso. Canclini vai construindo uma concepção de culturas populares.

O popular não deve por nós ser apontado como um conjunto de objetos (peças de artesanato ou danças indígenas), mas sim como uma posição e uma prática. Ele não pode ser fixado num tipo particular de produtos e mensagens, porque o sentido de ambos é constantemente alterado pelos conflitos sociais. (1983,p.135)

E enfatiza que culturas populares devem ser tratadas no plural que é para não dar a impressão de que só existe uma única cultura popular, pois assim é possível fugir do caráter essencialista que persegue este conceito (idem,p.50).

Assim, podemos dizer que esses jovens fazem parte das culturas populares porque essas são o “resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, realizam uma elaboração específica de suas condições de vida através de uma interação conflitiva com os setores hegemônicos” (CANCLINI, 1983,p.43). Mas, como entender a relação das culturas populares no mundo globalizado, nas sociedades ditas “pós-modernas”?

Trazendo essa questão para nosso estudo: “[...] como perceber o lugar da juventude nesse novo contexto?”(CARNEIRO, 2007,p.54)

É preciso compreendermos o local em relação ao global, através de uma “perspectiva relacional” podemos observar os jovens que vivem numa sociedade em que há relações sociais de interconhecimento e, ao mesmo tempo, sofre as “dinâmicas ‘de fora’, de escala nacional ou global” (CARNEIRO,2007.p.57). Acreditamos que isso reflete na forma de sentir, pensar e agir dos jovens. Além disso, o acesso aos meios tecnológicos também modificou a forma como os jovens organizam suas vidas, ou seja, “[...] as marcas do mundo da comunicação audiovisual-muito mais próximo da evolução produtiva e ocupacional- permitem uma mobilidade social muito maior.”(MARTIN-BARBERO,2008,p.15).



Sendo assim, a fala de um dos representantes do Giral (entrevistado1) mostra como essas noções permeiam o imaginário popular.

Trabalhamos com comunicação porque é uma temática pouco discutida na região. Nós somos a única instituição que forma jovens e discute a comunicação como direito humano na região. Daí a necessidade de trabalhar com esse tema. É no interior onde os crimes, a perseguição e negação de direitos acontece diariamente. Acreditamos que podemos melhorar essa situação a partir da intervenção consciente e qualitativa dos jovens.

Nesse discurso percebemos a comunicação como viabilizadora de mudanças sociais, como um direito que possibilita a melhoria da qualidade de vida. Quando ele diz que “é no interior (referindo-se ao meio rural) onde os crimes, a perseguição e negação de direitos acontece...” ele não quer dizer que no meio urbano isso não exista, mas podemos inferir que seu discurso está pautado no contexto histórico da Zona da Mata Pernambucana. Essa região é marcada por relações sociais estabelecidas nas estruturas verticais e fechadas dos latifúndios, que constituíram “historicamente a consciência camponesa, como consciência oprimida” (FREIRE, 1987,p.48). O autor explica ainda que a razão do camponês ter dificuldade de dialogar não está nele mesmo, mas na estrutura opressora a que ele está submetido. (1987,p.49).

De acordo com nosso entrevistado isso pode ser revertido através de uma prática dialógica, em que o jovem se empodere de informações e conhecimentos capazes de ajudá-lo a transformar a realidade que vive. Essa perspectiva está inserida num contexto de sociedade “globalizada, informatizada e televisada”, a qual vive sob a compressão espaço-tempo (aumenta a velocidade, diminui o tempo e as distâncias), e que, a comunicação se dá como prática constante, pois estamos na “era da informação e do conhecimento” (TAUK SANTOS, 2009,p.26).

Nessa perspectiva, “os *media* electrónicos, longe de serem o ópio do povo, são processados pelos indivíduos e pelos grupos de uma maneira activa, um campo fértil para exercícios de resistência, selectividade e ironia.” (APPADURAI, apud, Santos,2005, p.46). Partimos desse entendimento para compreendermos que o Projeto de formação de ADCs proporcionou, na realidade, a dessacralização dos meios de comunicação e os democratizou. Isso permitiu uma acessibilidade que modificou o cotidiano daquela região, pois a interação mais intensa com os processos de produção midiática possibilitou a abertura de um espaço de enfrentamentos políticos, sociais, culturais, entre outros. É sobre esse aspecto que nossa pesquisa se debruça para fazer



um estudo de recepção dos impactos socioculturais do Projeto de ADC sobre o cotidiano dos jovens da localidade. Neste artigo, não vamos nos aprofundar nos estudos de recepção, pois ainda não fizemos todas as entrevistas necessárias para fazer essa análise. Porém gostaríamos de esclarecer, brevemente, uma noção sobre o assunto, pois acreditamos que essa concepção vai ajudar a entender como as relações dos atores sociais com os meios de comunicação está inserida na cotidianidade como relações de poder. Assim, recepção é:

um contexto complexo e contraditório, multidimensional em que as pessoas vivem sua cotidianidade. Ao mesmo tempo em que vivem essa cotidianidade, os indivíduos se inscrevem em relações de poder estruturadas e históricas, as quais extrapolam as suas práticas.” (LOPES,1996,p.43)

Os programas de rádio, que ainda hoje vão ao ar nos sábados, são elaborados em grupo, cada qual em seu município, onde discutem sobre temas relevantes para comunidade como, violência, direitos do consumidor, gravidez na adolescência, orientações para participação de alguma campanha, tratam de temas, que eles chamaram de “polêmicos”,e às vezes, acompanham datas comemorativas do calendário. Os programas sempre dão espaço ao ouvinte através de enquetes. Os jovens que fazem os programas se preparam, pesquisam e estudam, principalmente através da internet. Usamos o exemplo dos programas de rádio como espaço de participação por dois motivos. Primeiro porque, entre os conhecimentos técnicos que adquiriram nas oficinas realizadas no Curso de formação de ADCs (em 2008 e2009), os jovens, dos quatro municípios, permaneceram, até hoje, fazendo os programas de rádio; segundo porque, os jovens usam os programas também como espaços de questionamentos, de críticas, de embates ideológicos; ao mesmo tempo em que realçam valores e atitudes “desejáveis” e criam laços de solidariedade que humanizam a cidade.(BLOIS, 1996,p.17)

A maioria dos jovens que fazem os programas de rádio são voluntários, buscam um emprego, que não precisa ser necessariamente na área de comunicação (justificam), e afirmam que dá para conciliar os estudos e a rádio, ou o trabalho e a rádio (que é o caso de alguns). Em conversas informais com os jovens tivemos oportunidade de captar alguns anseios e desejos, que muitas vezes não foram revelados com tanta espontaneidade nas entrevistas. Alguns deles revelaram que o curso de formação de ADCs foi uma ótima oportunidade de aprender “coisas novas “, “conhecer pessoas”, “fazer amizade”, “saber a importância dos nossos direitos”, entretanto percebemos um



certo desapontamento no fato de não conseguirem trabalho na área, como produção de vídeo, de fotografia, entre outros para o qual tiveram formação.

Durante o ano de 2010 o Giral vem tentando manter esses jovens articulados, seja através de encontros para discussão de uma formação cidadã, seja para mobilizações, passeatas em prol da juventude ou dos direitos humanos, ou ainda, através de eventos, realizados pelo próprio Giral, pela prefeitura, ou por empresas privadas, para prestarem serviços de filmagem, gravação de *spots*, entre outros.

Temos visto que, nesse contexto, a necessidade do emprego se dá pelo fato dos jovens precisarem contribuir com a renda familiar desde muito cedo. Enquanto estão na escola, muitos recebem “bolsa escola”⁷, que juntamente com a aposentadoria ou pensão de algum membro da família tornam-se a principal renda familiar. O jovem com mais de 19 anos, normalmente deixa de receber o “bolsa escola”, pois teoricamente conclui os estudos, então a família perde uma parte significativa de sua renda. Ao entrar no mundo do trabalho, esse se torna, na perspectiva freiriana o principal espaço de aprendizagem para o jovem.

Diante dessa sociedade paradoxal em que há “[...] maior oportunidade de alcançar a educação e a informação, porém muito menos acesso ao emprego e ao poder...” (HOPPENHAYN, apud, Martin-Barbero, 2008, p.12), é importante pensar em Desenvolvimento Local por outras vias, que não seja apenas crescimento econômico. Jara (2001) sugere a adoção de estratégias menos cartesianas para se alcançar o desenvolvimento local, estratégias pautadas na dimensão espiritual, que é também cultural, pois envolvem os valores, as virtudes, as qualidades da solidariedade e da confiança. A dimensão espiritual, assim como a aquisição de conhecimentos advindos de diversas fontes de informação, numa determinada localidade converge para a formação do capital social, o qual é constituinte do desenvolvimento local numa sociedade democrática.

Sendo assim, temos visto que o conceito de capital social tem sido uma chave de leitura para os estudiosos das Ciências Sociais e Humanas.

A concepção de Bourdieu sobre capital social irá nos ajudar a compreender como se processam as relações sociais dentro de uma organização que vem se configurando como uma “rede durável de relações [...] de interconhecimento e de inter-reconhecimento” (1998), que o Giral proporcionou. Então, para o autor capital social é:

⁷ É um programa que faz parte de uma política pública para combater a evasão escolar. Consiste na remuneração à família por cada filho matriculado que permanece na escola durante todo ano letivo.



[...] o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados a posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento, ou em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (1998,p.67)

Ainda de acordo com Bourdieu, essa “rede de relações” não é um dado natural, é construída, é o produto do esforço dos agentes em instituí-la e mantê-la para que possam dela obter “lucros materiais ou simbólicos”. Essa manutenção é feita através das trocas que possibilitam o pertencimento ao grupo, pois ela (troca) “transforma as coisas trocadas em signos de reconhecimento...” (1998,p.68). A reprodução do capital social é tributária, afirma Bourdieu, pois requer um dispêndio de tempo, e até de recursos econômicos algumas vezes.

Não podemos afirmar que o Giral conseguiu formar essa “rede de relações” e assim constituir um capital social na Bacia do Goitá. Porém, podemos perceber com mais clareza a articulação dos jovens como um ato político. “A formação política consiste exatamente nisso: aprender a criar propósitos coletivos, através da conversa, do debate e da confrontação [...] de interesses”(DUARTE, 2006, prefácio).

Nessa perspectiva a noção de Desenvolvimento Local, que orienta nossa pesquisa é:

Desenvolvimento local passa agora por um esforço de mobilização de pequenos grupos no município, na comunidade, no bairro, na rua, a fim de resolver problemas imediatos ligados às questões de sobrevivência econômica, de democratização de decisões, de promoção de justiça social. (TAUK SANTOS; CALLOU,1995,p.45)

Assim, dentro dos limites do que foi analisado em nossa pesquisa até hoje, acreditamos que as ações desenvolvidas por esses jovens, proporcionadas pelo acesso à comunicação, tem possibilitado a democratização de decisões, uma formação cidadã e o fortalecimento da juventude na região. Nesses novos espaços de aprendizagem, os jovens chamam para si a responsabilidade da mudança social; lutam pelos seus direitos, pelo direito de permanecer no campo com dignidade; e isso aponta para um movimento de protagonismo juvenil que “fervilha” na região.



REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesus Martin. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens.** In: Culturas juvenis no século XXI. Borelli, Silvia e FILHO, João Freire (orgs.). São Paulo, Educ, 2008.

BLOIS, Marlene M. **O rádio nosso de cada dia.** In: Comunicação e educação. São Paulo, Editora Moderna (6): mai./ago. 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O capital social** – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo.** Editora Brasiliense, 1983.

CARNEIRO, Maria José. **Juventude e novas mentalidade no cenário rural.** In: CASTRO, Elisa Guaraná; CARNEIRO, Maria José (orgs.) Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DUARTE, Neide. **Frutos do Brasil: Histórias de mobilização juvenil.** São Paulo: Aracati, 2006. Prefácio.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

JARA, Carlos. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável.** Brasília: IICA, 2001. pp.99-121

LOPES, Imacolatta. **Pesquisa de recepção e educação para os meios.** In: Comunicação e educação. São Paulo, Editora Moderna (6): mai./ago. 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: perspectiva qualitativa em saúde.** São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC – ABRASCO, 1996.

REIS, Mariana. **Relato de experiência apresentado na Segunda Conferência de Mídia Cidadã.** Recife, 2008.



SANTOS, Boaventura de Souza.(org.) **A Globalização e as Ciências Sociais.** São Paulo, Cortez editora, 2005.

TAUK SANTOS.Maria Salett (org.). **Inclusão digital, inclusão social?** Usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares. Recife: Ed. Do autor,2009.

TAUK SANTOS, Maria Salett; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. **Desafios da comunicação rural em tempo de desenvolvimento local.** SIGNO: Revista de comunicação integrada, João Pessoa, UFPB, AnoII, n. 3, setembro, 1995.

TRINDADE DOS SANTOS, Ana Carolina. **Juventude rural e permanência no campo:** um estudo de caso sobre a juventude do assentamento rural Flor do Mucuri/SE. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco:** que sonhos para o futuro. In: CASTRO, Elisa Guaraná; CARNEIRO, Maria José (orgs.) Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007